

Índice

Envolver os pais, uma boa (e barata) política educativa	1
Da dependência das notícias catastróficas à evasão estratégica	2
Teorias Críticas ou Cínicas?.....	3
“El siglo soviético”	4

Envolver os pais, uma boa (e barata) política educativa

Quando se analisam os fatores que mais influem no desempenho dos estudantes, muitas vezes o foco centra-se em questões socioeconómicas (o nível de estudos e de rendimentos dos pais) ou organizativas (o rácio de professores-alunos, as condições laborais dos docentes, os percursos educativos). No entanto, existe outro fator ao qual não se costuma prestar tanta atenção nos meios de comunicação, apesar de diversos estudos constatarem a sua eficácia: o envolvimento dos pais na escola.

Um relatório da Brookings Institution revela [mais de 60 iniciativas de sucesso](#) encetadas em diversos países para envolver os pais. Algumas delas nasceram em resposta à paragem educativa provocada pela pandemia da Covid-19, mas a maioria estava a desenvolver-se antes.

O relatório é interessante, pois mostra uma grande variedade quanto às abordagens e aos promotores: nalguns casos foram as próprias famílias; noutros, os governos; noutros ainda, associações educativas ou cívicas. Além disso, o custo destas iniciativas é geralmente baixo, sobretudo comparado com o de outras políticas educativas.

Várias das iniciativas coincidem em apostar na figura do “mentor familiar”, uma pessoa que estabelece a ligação entre a escola e os pais, e presta assessoria a estes em diversos temas. Consoante cada caso, as suas atribuições cingem-se ao plano académico, ou incluem também outros aspetos.

Por exemplo, nas [escolas comunitárias](#) do estado do Novo México (Estados Unidos), mais de 150 atualmente, cada família conta com um assessor que a informa pontualmente sobre diferentes aspetos: desde as ausências às aulas, problemas de comportamento ou as notas nos exames, os próximos eventos interessantes na escola. Além disso, visita os pais com regularidade nas suas casas. Um aspeto importante é que domine a língua original da sua família tutelada, algo não tão simples como isso num território onde quase 60 % dos alunos são de origem hispânica. Esta abordagem conseguiu melhorar os resultados de uma das zonas com piores registos educativos do país.

Uma estratégia similar segue o projeto “Parents’R’Us”, resultado da coligação de várias organizações sem fins lucrativos de diversos países europeus. A iniciativa procura dotar pais de famílias desfavorecidas, dos recursos necessários para os converter em verdadeiros agentes educativos para os seus filhos. Para que isso aconteça, forma primeiro alguns poucos *mentor managers* em cada escola, habitualmente professores: o seu trabalho será, por sua vez, o de formar os mentores, pais envolvidos na escola, que se encarregam de acompanhar pais desligados do processo educativo dos seus filhos (cada um encarrega-se de três), e que constituem os destinatários finais da iniciativa. Este trabalho é feito em reuniões semanais de uma hora.

O trabalho dos mentores é mais amplo noutras iniciativas. O “EdNavigator” é um programa desenvolvido em várias cidades dos Estados Unidos que oferece a pais com poucos recursos um “navegador”, isto é, um assessor familiar, seja um professor, um especialista em educação ou outro pai especialmente formado. Este acompanha a família do aluno durante todas as etapas educativas, e até depois. Além de aconselhar no plano

puramente acadêmico, oferece também assessoria quanto à escolha de curso universitário, orientação profissional, ou de formação profissional dos próprios pais. Em 2018, este projeto foi incluído entre as 10 Grandes Ideias em Educação pela revista “Education Week”.

Duas iniciativas têm em comum a utilização do telemóvel. No Botswana, no sul de África, a paragem forçada do ensino presencial devido à pandemia da Covid-19, levou as autoridades educativas a recearem que muitos alunos com poucos recursos se afastassem da escola. Levar o material educativo em papel até às casas não era uma opção viável. Por isso, a ONG Young 1ove organizou um sistema de exercícios matemáticos por mensagens via telemóvel.

Cada família recebia semanalmente dois sms (não era necessário dispor de ligação à Internet) com outros tantos problemas matemáticos, mais recomendações dirigidas aos pais sobre como guiar os seus filhos na resolução dos exercícios. Uns dias depois, uma pessoa formada pela Young 1ove - habitualmente um professor da sua escola - ligava para o dono do telemóvel, e pais e filhos mantinham uma longa conversa sobre os problemas com o telemóvel colocado em modo de alta voz. No total, cerca de 500 famílias participaram no programa “piloto”, o qual teve uma duração de três meses. Comparativamente com os que não o fizeram, os filhos destas famílias obtiveram 31 % menos de reprovações em Matemática. Praticamente todos pediram que a iniciativa continuasse depois da retoma das aulas presenciais.

No Himachal Pradesh, um estado do norte da Índia, as autoridades educativas estavam preocupadas com a alta taxa de absentismo e abandono escolar, sobretudo nas zonas rurais, e com a escassa assistência das famílias às escolas. Daí que, em 2019, com a ajuda de uma empresa tecnológica, criaram uma *app* de mensagens própria, e-Samwad, para comunicar aos pais todo o tipo de incidências: notas de exames, ausências às aulas, problemas disciplinares, próximas reuniões familiares, etc. A iniciativa foi um êxito, e hoje, 98 % das escolas públicas estaduais adotaram-na.

Outros projetos pretendem não só ter os pais informados sobre os filhos, como dar-lhes um maior protagonismo na definição do sistema educativo.

Na província canadiana de British Colúmbia, o governo provincial estava há algum tempo em busca de soluções para o baixo rendimento escolar da população ameríndia, cuja taxa de abandono precoce das aulas era o triplo da média. No início da última década, arrancou um plano para convidar a que contribuíssem com a sua visão num processo de redefinir a educação pública da zona. Os pais participaram em várias consultas, em comissões para refrescar os planos educativos, ou em oficinas sobre as necessidades do mercado laboral local, que depois marcavam as linhas da orientação profissional para os alunos.

Em Inglaterra, a ParentKind, uma associação formada por pais de alunos de diversas escolas, encarregou-se de recolher as

opiniões de outros pais sobre assuntos relacionados com o sistema educativo e propor reformas concretas às autoridades. Por exemplo, conseguiu que vários governos locais se comprometessem a baixar o preço dos uniformes, para não constituírem uma barreira para as famílias de menores rendimentos; ou que se elaborasse um sistema de exames mais personalizado durante o confinamento. Além disso, recolheu dinheiro para outras organizações de pais.

Todas estas iniciativas mostram a grande variedade de abordagens que existem para envolver os pais na educação; um empenho que proporciona, a baixo preço, grandes resultados, sobretudo entre os estudantes que partem com alguma desvantagem.

F. R.-B.

Da dependência das notícias catastróficas à evasão estratégica

Nunca na história estivemos tão expostos a notícias trágicas como durante a pandemia do coronavírus. Fomos acompanhando números de contágios, mortes e medidas restritivas das nossas liberdades. Diversas investigações deram conta de mudanças relacionadas com o consumo noticioso neste período, entre as quais se destacam o *doomscrolling* – a dependência das notícias catastróficas – e a evasão estratégica – um modo mais racional de se informar.

“O que faz com que fiquemos enfiados a ver más notícias e a navegar continuamente lendo coisas negativas no Twitter e no Facebook?”, interrogava-se Nicole Nguyen, jornalista do “The Wall Street Journal” (7.6.2020), num [artigo](#) escrito a respeito do *doomscrolling*, fenómeno que tem tido um significativo crescimento durante os últimos anos.

Ao mesmo tempo, um [estudo](#) sobre hábitos no consumo de notícias durante o primeiro confinamento na Noruega analisou uma tendência que surgiu precisamente como reação ao excesso informativo e ao conseqüente desgaste emocional: a evasão estratégica.

Os investigadores Brita Ytre-Arne e Hallvard Moe, autores do estudo norueguês, propuseram três elementos para definir o conceito do *doomscrolling*. Em primeiro lugar, o conteúdo das notícias é inquietante, gera medo ou aumenta a incerteza. Em segundo lugar, o meio em que se costumam consumir estas notícias são telefones inteligentes. Por último, o efeito de dar muita atenção a este tipo de conteúdos, gera um estado emocional de sufoco, do qual é muito difícil sair.

Para o psicólogo Cristián Rodríguez, doutor em Psicologia Científica da University of California, Irvine, e professor da Universidad de los Andes, Chile, o primeiro fator para entender este fenômeno é o acesso, infinito e de forma imediata, a múltiplas fontes informativas. Além disso, explica que tendemos de forma natural a fixar a nossa atenção naquelas notícias que possam significar uma ameaça.

Rodríguez indica que este instinto natural de sobrevivência não pode funcionar de modo prolongado no tempo. “O corpo e a mente estão preparados para detetar um predador e fugir a correr, mas não para estar assustados durante várias horas seguidas, vários dias por semana”, comenta. Isto explica as consequências negativas na saúde mental e até física.

A investigação sobre as consequências da exposição contínua a este tipo de notícias já tem sido feita ao longo de vários anos. “O *doomscrolling* surge logo com a massificação dos telefones inteligentes e a utilização intensiva das redes sociais, como o Facebook, o Twitter e o Instagram. Nesta perspetiva, a pandemia veio acentuar uma tendência que já estava em curso”, conclui Rodríguez.

Mas a explicação não é unicamente psicológica. O negócio de muitas plataformas digitais [sustenta-se em captar e reter a nossa atenção](#) (“Aceprensa”, 17.12.2020). Em face daquilo que em si mesmo pode parecer inócuo, quando desconhecidos algoritmos nos oferecem conteúdos que nos colocam em estado de permanente alerta e tolhendo-nos durante horas, o combate é desigual.

O problema não é de fácil solução. “O Twitter e o Facebook têm vindo a testar diversos sistemas que procuram travar o fluxo quando estamos a abordar potenciais notícias falsas, mas em temas de saúde mental é muito mais difícil: Irão bloquear as notícias negativas? Advertir-nos quando estamos muito tempo *online*? Isto inclui muitas complexidades éticas relacionadas com o uso dos meios, a liberdade para informar e informar-se”, explica Rodríguez.

O artigo do “The Wall Street Journal” sobre o *doomscrolling* mencionava outro mecanismo para cativar a audiência: a deslocação infinita. O conteúdo que nos oferecem as aplicações tecnológicas não tem fim, e deixam-nos com a sensação de que estamos a perder alguma coisa.

O estudo efetuado pelos investigadores noruegueses recolhe as impressões de muitas pessoas que consideravam urgente e prioritário estarem bem informadas, mas que não aguentaram a hiperligação. A avalanche informativa provocou-lhes sufoco, esgotamento emocional e, não poucas vezes, náuseas ou ataques de asma.

Ytre-Arne e Moe descrevem como, perante essa situação, muitos encetaram uma estratégia para evitar o *doomscrolling*, estabelecendo rotinas onde dedicavam momentos para se informarem e outros para se desligarem. A este tipo de pessoas chamaram-lhes evasores estratégicos.

No seu estudo, evidenciaram diversas estratégias para alcançar um equilíbrio entre a necessidade de se desligarem e a de estarem convenientemente informados. Estas táticas consistiam em destinar certos momentos do dia para cada coisa. Por outro lado, muitos selecionavam à partida o tipo de conteúdo noticioso que lhes interessava rever, evitando dessa forma as notícias mais catastróficas e escolhendo melhor as fontes informativas.

O “[Digital News Report 2021](#)” deu também conta de uma tendência relacionada: as audiências estão a atribuir cada vez mais importância a fontes rigorosas e confiáveis. Cada vez mais pessoas têm procurado melhorar a sua higiene informativa, escolhendo meios de comunicação de alta qualidade e consumindo menos conteúdos; procuram melhorar a sua qualidade de vida com [dietas informativas](#).

D. E. K.

Teorias Críticas ou Cínicas?

Em 2018, alguns professores prepararam e conseguiram que lhes publicassem vários [artigos científicos falsos](#) para revelar a falta de rigor e de consistência de algumas teorias em voga (“Aceprensa”, 15.10.2018). Dois deles, Helen Pluckrose e James Lindsay, publicaram depois “[Cynical Theories](#)” (Swift Press), um livro sobre as origens e as bases filosóficas de correntes como a [ideologia woke](#) (“Aceprensa”, 17.7.2020), ou a [Teoria Crítica da Raça](#) (“Aceprensa”, 27.8.2021). Tudo parte da Critical Theory, que os autores nomeiam sempre com maiúsculas e da qual examinam as suas profundas falhas e os seus efeitos sociais nocivos.

Tal como está apresentado, é um livro útil para o mundo académico – é rigoroso e as referências bibliográficas são muitas – o qual, pela sua clareza de exposição e o seu bom humor irónico, é também um excelente guia para compreender o que hoje está a ocorrer à nossa volta.

Os autores falam primeiro do pensamento pós-moderno e de que os seus princípios fundamentais sustentam que o conhecimento objetivo é impossível e se trata de uma construção dos poderosos, sendo que a sociedade se baseia em sistemas de domínio e em privilégios que devem ser derrubados. Depois, pormenorizam como essas ideias, formuladas somente com objetivos destrutivos numa primeira fase, entre 1965 e 1990, acabaram por impregnar muitos discursos e muitas ações políticas, dando lugar a uma segunda fase, caracterizada por um “pós-modernismo aplicado”, nas décadas de 1980 e 1990, que se foi fragmentando em seguida na Teoria Pós-colonial, na Teoria Queer, na Teoria Crítica da Raça, no Feminismo Inter-

seccional, e nos estudos sobre a Deficiência e sobre a Obesidade.

De cada uma dessas doutrinas indicam as suas origens, as suas vozes mais representativas, e as formas como cada teoria utiliza o princípio pós-moderno do conhecimento – que recusa a verdade objetiva, com o favorecimento de um construtivismo cultural –, e o princípio pós-moderno político – para o qual o mundo é dominado por sistemas de poder que determinam aquilo que pode ser conhecido. Explicam de que forma, em cada uma dessas versões, se revelam quatro temas que são primários do pensamento pós-moderno: a diluição das fronteiras, a crença no poder da linguagem, o relativismo cultural e a negação do universal e do individual *versus* a identidade do grupo.

Posteriormente, mais ou menos desde 2010, começa uma terceira fase desta Teoria Crítica – cujas origens remontam aos pensadores da Escola de Frankfurt nos anos trinta do século passado –, que se caracteriza por um forte ativismo em busca da chamada Justiça Social, que os autores também mencionam sempre com maiúsculas. Falam dos seus aspetos académicos e teóricos primeiro, apresentam-nos depois “em ação”, realçam como esta Justiça Social não é de origem pós-moderna mas como, no entanto, aborda os princípios pós-modernos citados atrás enquanto verdades fundamentais, como ideias que se dão por adquiridas e que as pessoas “simplesmente sabem” serem verdadeiras.

Os textos da Justiça Social estão por trás de todas essas afirmações, hoje tão frequentes, de que realidades como o patriarcado e a supremacia branca, entre outras, necessitam ser identificadas, condenadas e desmanteladas. Os seus teóricos defendem que todos os brancos são racistas, que todos os homens são sexistas, que o sexo não é biológico, que a linguagem pode ser violenta, que a negação da identidade de género está a matar pessoas, que o desejo de remediar a deficiência e a obesidade é odioso, e que tudo necessita ser descolonizado.

Contra esta ideologizada Justiça Social, que tem todos os traços de uma fé cínica que se deseja impor fanaticamente, que não tem a capacidade de se autocorriger e que acaba por ser tão destrutiva como o foram as ideologias coletivistas, Helen Pluckrose e James Lindsay defendem a superioridade de uma democracia liberal apresentada como um sistema de resolução de conflitos que permite a liberdade de pensamento e de debate sem entraves e que trata de modo equitativo as pessoas, sejam quais forem as suas identidades. Ao mesmo tempo, mostram como os meios com os quais a Teoria Crítica propõe abordar as injustiças sociais são, no mínimo, inadequados e, normalmente, errados e nocivos, tanto para as pessoas, como para as causas que dizem defender.

Os autores advertem que, embora falem de ideias que somente podem crescer entre académicos “iluminados” e entre pessoas acomodadas que têm as suas vidas solucionadas, ninguém as deve ver como longínquas, pois já é patente a sua presença na

vida quotidiana. Também explicam as bases reais e as razões sobre as quais se apoiam, no seu início, algumas exigências de justiça – por exemplo, o racismo nos Estados Unidos; mas simultaneamente deixam claras a inconsistência intelectual e as contradições flagrantes das Teorias Críticas que são propostas, e as perigosas pretensões totalitárias de muitos que as promovem.

L. D. G.

“El siglo soviético”

“Das sowjetische Jahrhundert”

Autor: Karl Schlögel
Galaxia Gutenberg. Barcelona (2021)
928 págs.

Continuam a publicar-se estudos que pretendem analisar a civilização soviética a partir de diferentes narrativas. Foi publicado o livro “[La casa eterna](#)” (Aceprensa”, 19.8.2021). Também o autor de “El siglo soviético”, Karl Schlögel, escreveu numerosos estudos sobre a URSS, como “[Terror y utopía](#)” (“Terror und Traum”, em “Aceprensa”, 4.2.2015).

Em “El siglo soviético”, Schlögel analisa, numa perspectiva invulgar, como a sociedade russa sofreu uma radical e paranoica transformação desde que tentaram aplicar os postulados comunistas, que iam desde a planificação e coletivização da economia, à proliferação de coreografias e comemorações culturais ou populares.

A queda do comunismo constituiu por isso um autêntico terramoto para milhões de habitantes, formatados num estilo de vida uniforme e totalizador. “O quarto de século que decorreu desde então demonstrou – escreve Schlögel – quão profundamente dolorosa foi a transformação da antiga União Soviética”, que teve de enterrar as suas mastodónticas estruturas empresariais, a teledirigida maneira de trabalhar e o controlo absoluto de todas as facetas da vida pessoal e social. O autor alemão não é nada complacente com a deriva política do regime de Putin.

Apesar da sua extensão, a leitura do livro é muito agradável pela quantidade de temas sociais que abarca. Fala dos pequenos mercados populares, onde atualmente se encontram os escombros de um império extinto. Explica a obsessão das autoridades soviéticas pelas ordens e medalhas, que contribuíam para reforçar o seu sentido hierárquico da sociedade,

valorizando além do mais as adesões incondicionais ao regime. Comenta a devoção de todo o comunismo pela técnica e pelo progresso, que se refletia até no nome dos recém-nascidos.

Na sua ânsia de eliminar a influência da religião ortodoxa, além de deter e executar os sacerdotes, destruir milhares de igrejas ou destiná-las para outras atividades, foi tentada a criação de um “santoral soviético” e fomentaram-se mesmo os “batizados ateus”. Foi alterado o calendário, suprimiram-se festas religiosas e apareceram outras.

Juntamente com capítulos que comentam os costumes, há outros de muito alcance, como o intitulado “Catálogo de livros proibidos”, onde se descrevem as sistemáticas purgas das bibliotecas soviéticas. Também é digno de destaque o dedicado à expulsão de intelectuais mal acabou a guerra civil e a utilização dos presos do Gulag para a construção de obras faraônicas, como o canal Belomor, por exemplo.

Verifica-se avassalador o conhecimento que Schlögel tem do mundo soviético, que aparece condensado em inúmeros aspectos e pormenores a conformar a história social da URSS, essa degradada utopia que provocou milhões de vítimas.

A. T.

Karl Schlögel

El siglo soviético

Arqueología de un mundo perdido

